



Obra Completa Padre António Vieira **Editar Vieira Hoje**

Aida Sampaio Lemos
Lisboa

Muitos passarão e múltipla será a ciência

Daniel 12, 4

O Padre António Vieira, um dos grandes cultores da língua portuguesa, foi igualmente uma «personagem tão multifacetada que diversos historiadores não resistem em fragmentá-lo [...]. A par dessa pléiade de perfis, muitos se animaram a discutir se Vieira, enquanto patriota, era português ou brasileiro, prevalecendo o consenso [...] de que ele era luso-brasileiro» (Vainfas 2011: 283).

Nascido em Portugal em 1608, Vieira parte, com 6 anos, para o Brasil, e o resto da sua vida será desta forma repartida, fazendo, incrivelmente para a época, muitas viagens intercontinentais; assim, e usando as palavras de Eduardo Lourenço, ele torna-se «o laço entre os dois mundos, o da Europa e do Brasil – terra que era também a sua, pela sua educação, pelo seu coração» (Lourenço 2006: 12-13). A par de uma vida invulgar está uma obra extraordinária, que, num projeto dirigido por José Eduardo Franco e Pedro Calafate, foi reunida em 30 volumes: a *Obra Completa Padre António Vieira*.

Nos escritos tipologicamente diversos de Vieira – sermões, cartas, pareceres, memoriais, escritos proféticos, poesia ... – encontramos o seu *ethos* marcante e excecional: o pregador, o missionário, o político, o diplomata, o cidadão interventivo, o homem mordaz, o teólogo, o amigo e conselheiro de reis e rainhas (mas pouco amigo das autoridades), o defensor do papel dos judeus na sociedade, o Paiacú para os índios, o perseguido e acusado pela Inquisição, o homem da palavra e da ação, o crítico social, o pensador profético, o homem que, nas palavras de Bosi, «passou a sua longa vida entre os cuidados do presente e os sonhos do futuro» (Bosi 2011: 7); enfim, uma

figura polifacetada e excecional com uma obra polifónica que projeta um *ethos* que dificilmente se pode desligar da biografia do autor, um *ethos* que se impõe pelo uso singular da força da palavra e do saber alicerçado na teologia, na retórica, na filosofia, na história, na etnografia *avant la lettre*, na geografia, bem como no conhecimento da alma humana.

Neste conjunto de escritos, tem um lugar de destaque a obra parenética de Vieira, que foi por ele preparada (os 12 primeiros tomos) para publicação ainda no século XVII, sendo os últimos três tomos publicados, postumamente, por André de Barros, já no século XVIII. As cartas tiveram uma primeira edição, em dois tomos, em 1735, numa compilação levada a cabo pelo conde de Ericeira e pelo oratoriano António Reis e, em 1746, sai um terceiro tomo por iniciativa do P.^o Francisco António Monteiro. J. M. C. Seabra e de T. Q. Antunes organizam, entre 1854 e 1855, uma edição das cartas de Vieira em dois tomos, as *Obras várias e Obras inéditas* em cinco tomos, entre 1856 e 1857, e uma edição dos sermões em 15 tomos, entre 1854 e 1858. No final do século XIX, e para assinalar a passagem do segundo centenário da morte do Padre António Vieira, foram preparados três volumes de sermões integrados num projeto nunca concluído de obras completas do autor.

Já no século XX, entre 1907 e 1909, Gonçalo Alves iniciou a publicação das obras completas do Padre António Vieira, de que foram publicados 15 volumes de sermões, que a editora Lello & Irmão veio a republicar em 1959, com repetidas reimpressões. João Lúcio de Azevedo preparou em três volumes a obra epistolográfica de Vieira, dados à estampa entre 1925 e 1928, e novamente publicados no início da década de 70. Em 1918, o mesmo investigador publicou dois maços de textos de Vieira, que identificou como integrando os livros I e II da *História do Futuro*. António Sérgio e Hernâni Cidade publicaram, entre 1951 e 1954, as *Obras escolhidas de Vieira*, pela editora Sá da Costa, em 12 volumes, e Hernâni Cidade editou, em 1957, a *Defesa de Vieira perante o Tribunal do Santo Ofício*, em dois volumes, na Baía, obra que viria a conhecer nova edição realizada por Ana Paula Banza, em 2008. Na década de 70, houve um projeto de edição crítica de alguns textos parenéticos de Vieira, que começaram a ser publicados em 1972, em Münster, e José van den Besselaar publicou uma edição crítica do livro antepreimeiro da *História do Futuro*, publicada em Münster, em 1976, a que se seguiu uma segunda edição com menor aparato crítico, em Lisboa, em 1983.

Maria Leonor Carvalhão Buescu (1982) e José Carlos Brando Aleixo (2005) publicaram também textos de Vieira e, no Brasil, Alcir Pécora, João Adolfo

Hansen e Adma Muhana são outros nomes a quem devemos a publicação de volumes seletos de sermões e cartas de Vieira, bem como de documentos dos autos do processo inquisitorial do jesuíta. Está em curso (tendo saído até ao momento dois volumes) a edição crítica dos sermões de Vieira, projeto iniciado por Margarida Vieira Mendes, retomado pela equipa coordenada inicialmente por Aníbal Pinto de Castro e depois por Arnaldo do Espírito Santo, a quem se deve também a tradução e edição crítica do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal da *Clavis Prophetarum*, de que foi até ao momento publicado o livro III.

Não obstante o reconhecimento da necessidade e importância da edição rigorosa e crítica das fontes principais da cultura portuguesa, a preparação e a edição de Obras Completas continuam a ser em Portugal deficitárias. De entre outras importantes dificuldades, encontra-se, numa equipa vasta e diversificada necessária para este tipo de projetos, a que diz respeito à definição e respeito de critérios de transcrição dos manuscritos e impressos, bem como de edição e fixação dos textos para publicação. Na verdade, a edição de textos de estádios pretéritos da nossa língua implica um cuidadoso e complexo estabelecimento de normas de transcrição, sobretudo quando o seu autor é um dos nomes mais representativos da sua época e uma figura com tanta projeção na história da cultura. Na determinação dessas normas afigura-se imprescindível delimitar adequadamente os objetivos definidos para a edição, refletindo cumulativa e, usando uma expressão de Castro e Ramos (1986), estrategicamente sobre o tipo de edição, o seu público preferencial, a época a que pertencem os documentos, as edições que deles existem, bem como o interesse dos textos e do seu autor para estudos de índole histórico-cultural, literária ou linguística. Foram estes os princípios que nortearam a adoção dos critérios de transcrição e de edição dos textos que constituem a *Obra Completa Padre António Vieira* e sobre os quais, à luz do trabalho realizado, nos debruçaremos adiante.

Os testemunhos que seguimos para a edição distribuem-se por manuscritos, autógrafos e apógrafos, entre os quais vários inéditos, e textos impressos, havendo ainda a contar com manuscritos de autoria duvidosa e apócrifos (publicados nesta *Obra Completa* em secção anexa ou em Apêndice).¹

¹ Esta opção é explicada na «Introdução Geral» à *Obra Completa*, t. I, vol. I, 32: «Aqui se incluem textos que, não sendo do Padre António Vieira, uma certa tradição fixou como sendo de sua autoria. A nossa intenção é enriquecer o *corpus* que ilustra e marca a 'geografia da receção da obra vieirina' e as suas derivas. Torna-se assim possível sinalizar o que a crítica atual permi-

Destas fontes, cujas condições materiais nem sempre chegaram até nós nas melhores condições de legibilidade, destacaremos aqui algumas, podendo ser encontradas informações mais detalhadas nos diversos volumes da *Obra Completa*.

Os textos epistolográficos e discursos vários de Vieira, reunidos em cinco volumes integrados no tomo I da *Obra Completa*, foram transcritos e fixados a partir de manuscritos, autógrafos e apógrafos, e textos impressos. Entre os manuscritos autógrafos mais importantes foram usados o códice K VII 19 do Arquivo Casa de Cadaval (antigo cód. 955), que agrupa 70 cartas; o códice do Ministério dos Negócios Estrangeiros, caixa 4, maço 8, guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) e que reúne uma centena de cartas; o códice CVI/2-12, da Biblioteca Pública de Évora (BPE), que contém 41 cartas de Vieira; o códice da Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria 2263; o códice 901 da Biblioteca Nacional de Portugal (BPN), que contém 141 cartas, algumas delas incompletas, sendo estes textos retomados pelo códice do Fundo do Ministério dos Negócios Estrangeiros; os Manuscrits Portugais 27, da Biblioteca Nacional de França (BNF), com 6 cartas. Foram ainda seguidos outros manuscritos, nomeadamente os constantes do Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas (fundos pertencentes ao ANTT), do Arquivo Particular de Manuel Cascais Pinho, do Archivum Romanum Societatis Iesu, do Archivio di Stato di Firenze, da Biblioteca da Ajuda, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa e da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), bem como documentos impressos inseridos em várias obras, tais como *Vozes saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira* (1736) e *Vida do apostolico Padre Antonio Vieyra* (1746), de André de Barros; *Cartas do Padre Antonio Vieyra* (1735); *Cartas do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus* (1746); *Discurso catholico sentenciozo contra a murmuraçam* (1747); *Ecco das vozes saudosas* (1757); *Obras inéditas do Padre António Vieira* (1856-1857), *Obras várias do Padre António Vieira* (1856) e *Cartas do Padre António Vieira* (1854-1855), de J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes; *Palavra de Deos empenhada, e desempenhada* (1690); e *Voz sagrada, politica, rhetorica*,

te diferenciar entre a apocrifia e a autografia, podendo extrair-se daí significados relevantes, nomeadamente em torno do prestígio do pregador e da capacidade que lhe foi atribuída para ‘autorizar’ temas, questões e reivindicações, muitos deles tratados de forma mais ou menos desenvolvida nas suas intervenções orais e escritas, mas que foram depois objeto de decalque, glosa ou aprofundamento por autores anónimos, coevos e vindouros, fosse por partilharem as mesmas preocupações, fosse por lhe quererem imputar posições e ideias orientadas para atingir determinados fins».

e metrica (1748).² Algumas das cartas, porque escritas em latim, italiano ou espanhol, foram alvo de tradução feita a partir da transcrição inicial.

Os textos constantes do tomo relativo à parenética de Vieira, agrupados nos 15 volumes do tomo II da *Obra Completa*, foram transcritos e fixados a partir dos exemplares da Biblioteca Complutense e da Biblioteca Municipal da Póvoa do Varzim, dos 15 tomos da *editio princeps dos Sermoens* de Vieira, na dita versão A, com cotejos complementares com outras impressões existentes em outras bibliotecas, designadamente na Biblioteca Nacional de Portugal, tendo sido inseridas as várias erratas neles constantes. Foram igualmente alvo de transcrição e fixação as Dedicatórias, Prólogos e Notícias Prévias, as Censuras, Aprovações e Licenças, bem como os Índices das Coisas Mais Notáveis e dos Lugares da Sagrada Escritura (com indicação das respetivas ocorrências conformadas às dos volumes e páginas do tomo II da nossa edição) constantes dos tomos da *editio princeps* e que são publicados no volume XV da *Obra Completa Padre António Vieira*, no qual foi igualmente inserido o Índice Universal dos sermões, publicado no tomo XIV da *editio princeps*, sendo paralelamente apresentadas as informações relativas à *Obra Completa*.

Os textos proféticos de Vieira, agrupados nos seis volumes do tomo III da *Obra Completa*, foram transcritos e fixados a partir de manuscritos e documentos impressos. Para a *Clavis Prophetarum*, cujo original escrito em latim se terá perdido, seguiu-se na tradução e na fixação do texto o manuscrito 706 da Biblioteca Casanatense, suprimindo-se as rasuras e supressões deste com o manuscrito 359 da Biblioteca da Universidade Gregoriana de Roma. Por sua vez, o Livro antepreimeiro da *História do Futuro* foi transcrito a partir do manuscrito ANTT, Manuscritos da Livraria, liv. 382, fls. 17-81v, recorrendo-se, sempre que tal se justificou, às variantes do manuscrito da BPMP, n.º 777; a Segunda Parte da *História do Futuro* foi transcrita a partir dos Apenso 1.º, 2.º, 6.º e 10.º do ANTT, e os Apontamentos para o Livro antepreimeiro, a partir do Apenso 9.º. Os Livros I e II foram transcritos e fixados pelos Apenso 5.º e 7.º, e os Anexos da *História do Futuro*, pelos Apenso 10.º, 11.º, 8.º, 9.º e 4.º. A *Voz de Deus ao Mundo* foi transcrita a partir do tomo XIV (publicado em 1710) da *editio princeps*. A *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*

² Informações mais detalhadas e completas sobre a designação, origem e datação da totalidade dos textos epistolográficos editados no primeiro tomo da *Obra Completa Padre António Vieira* podem ser encontradas no «Quadro sinóptico da obra epistolográfica de António Vieira», inserido no t. I, vol. V, 370-410.

foi transcrita e fixada pelos manuscritos autógrafos conservados no ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo 1664, fls. 147-288 e BNP, cód. 681, e a *Apologia*, a partir dos Apensos 1.º, 3.º e 5.º do ANTT.

Reunidos em quatro volumes do tomo IV da *Obra Completa* estão textos tipológica e tematicamente diversos, escritos políticos, escritos sobre os índios e os judeus, bem como textos poéticos e dramáticos, que foram transcritos e fixados a partir de manuscritos apógrafos e alguns autógrafos, bem como de documentos impressos, tais como os conservados no ANTT, Manuscritos da Livraria, 2541; Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL), série vermelha, 442, 444 e 446; BNP, códices 868 e 1532; BNP, códices 901, 1458 e 1699; AHU, Conselho Ultramarino, Brasil, Maranhão, caixa 4; Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Manuscritos 133 e 2795; BNP, cód. 859; Biblioteca Pública de Évora (BPE), códices CVII/1-26 e CXII/1-33; *Sermoens e vários discursos*, t. 14, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes (1710); *Harmonia scripturae divinae*, Lisboa, Lugduni, Apud Gabrielem e Ulyssipone: ex officina Laurentii de Anveres (1646); *Vozes saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira* (1736); etc.

Esta diversidade temática, tipológica e de fontes implicou algumas das opções tomadas na adoção dos critérios gerais e específicos de transcrição e de fixação dos textos da *Obra Completa Padre António Vieira*, sobre os quais, à luz do trabalho realizado, nos debruçaremos a seguir.

Determinados pelo objetivo de oferecer a um público alargado, nomeadamente de leitores sem formação filológica, mas com interesse pela produção vieiriana, uma edição que, sendo de divulgação, assegurasse a esse público condições de legibilidade e de fruição dos textos de Vieira, os princípios que nortearam a adoção das normas de transcrição e de fixação textual tiveram em conta o que denominamos de *razão do leitor*³ (Lemos 2002), isto é, uma estratégia editorial que procura ir ao encontro de uma grande diversidade de

³ Utilizamos as expressões *razão do texto* vs. *razão do leitor* pela primeira vez numa comunicação que apresentámos em 2000 no XVI Congresso Internacional de la Société de Rencesvals, em Poitiers, para nos referirmos a duas atitudes distintas na adoção de critérios de fixação textual: a primeira, motivada pela obediência ao princípio de autoridade do texto, encarado este como uma realidade histórica e como uma entidade com voz própria, que permite aceder a uma mundividência autoral, epocal e linguística distante no tempo, configurando-se numa edição que facilita o estudo da língua do texto, em particular, e contribui para o conhecimento da língua da época a que se reporta, em geral, afastando, contudo, os leitores sem formação filológica; a segunda baseia-se em argumento semelhante, mas posto ao serviço do leitor, e adota uma atitude modernizadora na edição dos textos, considerando o público, diverso nos seus interesses, objetivos e formações, e que vê facilitado o seu acesso ao texto.

interesses, objetivos e formações de todos os potenciais leitores, facilitando-lhes o acesso ao texto. Tal objetivo implicou uma opção de modernização na transcrição do texto original, que se pautou sobretudo pela normalização e atualização de aspetos gráficos e linguísticos que poderiam dificultar a leitura do texto ao leitor contemporâneo, sem que a mediação necessária do editor implicasse, no entanto, desrespeitar o texto original ou desvirtuar o pensamento do autor.

Assim, foram eliminadas as características ortográficas e evolutivas, normalizando-se as grafias segundo a norma em vigor, sendo as alografias resolvidas por meio da acentuação ou atualização ortográfica; foram substituídos pelos correspondentes atuais os grafemas em desuso, e as consoantes duplas foram reduzidas a simples; «y» foi substituído por «i»; «v», «u» e «i» foram transcritos em conformidade com a sua representação fónica, vocálica ou consonântica, por «u», «v» e «j»; «i» foi introduzido entre «e» e «o» e entre «e» e «a», em terminações nominais e verbais em que já se realizava o ditongo; os ditongos «-ae» e «-oe» foram grafados como «-ai» e «-oi»; «o» foi substituído por «u» quando representava o segundo elemento de ditongos orais; foram suprimidos os dígrafos «th», «ch», «gm», «pt»; o uso do «h» foi regularizado segundo o uso moderno; «m», «n» e vogais com til, representando vogais e ditongos nasais, foram transcritos segundo as normas ortográficas atuais; o til, que ocorre frequentemente no texto de Vieira sobre a segunda das vogais contíguas, foi colocado sobre a primeira; foi introduzida a indicação de nasalidade por meio de «m» segundo o uso atual em palavras que no texto não a apresentavam; as terminações verbais em «-aõ» foram transcritas por «-am» quando em formas dos tempos presente e pretérito; foram aglutinadas ou separadas algumas palavras segundo o uso atual; foi introduzido o hífen, designadamente nas conjugações pronominais e reflexas, e o pronome «lhe» foi flexionado em número, respeitando a concordância nominal dos respetivos contextos de ocorrência.

Questão mais difícil, por mais controversa, diz respeito à transcrição na sua forma gráfica atual de palavras que apresentavam na época uma outra grafia, não obstante tais grafias poderem corresponder a uma fonia distinta, tais como «*reposta* > *resposta*», «*experiencia* > *experiência*», «*ancias* > *ânsias*», «*sustância* > *substância*», «*naceo* > *nasceu*», «*atrax* > *atrás*», «*sugeytos* > *sujeitos*», «*complices* > *cúmplices*», «*quiz* > *quis*», «*poz* > *pôs*», «*creou* > *criou*», «*baxo* > *baixo*», «*enuejas* > *invejas*», «*efeituar* > *efetuar*», «*intender* > *entender*». Fizemo-lo em alguns casos, designadamente nos atrás referidos, embora tenha-

mos mantido palavras hoje tidas como arcaísmos e/ou formas populares, tais como «*abendidoado*»; «*alfim*»; «*ancila*»; «*o tribo*»; «*o catástrofe*»; «*corrido*» (= envergonhado); «*discurso*» (= decurso); «*alvedrio*»; «*encontrado*» (= oposto); «*esperdiçar*» (= desperdiçar); «*tirar*» (= atirar); «*cristã-novice*», etc.; ou formas verbais arcaicas, como «*impida*» (= impeça); «*seres*» (= serdes).

Neste âmbito, e embora sem a pretensão de se constituir como um repatório exaustivo da língua de Vieira, foi incluído no volume IV, do tomo IV da *Obra Completa Padre António Vieira*, um Elucidário Vocabular, um documento de consulta para os leitores, o qual apresenta um conjunto considerável, embora seletivo, de termos e expressões presentes nos textos vieiranos publicados na *Obra Completa*. As entradas, preferencialmente enunciativas, havendo igualmente lugar para algumas remissivas, foram organizadas segundo um critério alfabético-grafemático com vista à sua fácil consulta, sendo seguidas do(s) respetivos significado(s) e de um ou mais contextos de ocorrência

No que diz respeito aos sinais editoriais, não querendo sobrecarregar os textos por dificultar a sua leitura, houve, no entanto, necessidade de usar alguns, nomeadamente porque determinados manuscritos apresentavam lacunas de suporte e outros se encontravam borratados ou manchados (muitas vezes por intervenções de putativo restauro). Nestes casos, a opção foi a de indicar as lacunas de suporte com três pontos entre parênteses retos e, em caso de borrão ou mancha, a de propor leituras, assinalando as palavras propostas entre parênteses angulares e com chamada de nota de rodapé. Outros documentos, designadamente autógrafos, apresentavam espaços em branco, possivelmente para serem posteriormente completados pelo autor, que acabou por não o fazer; estes casos foram assinalados por parênteses retos com espaço em branco. Nestas duas situações e também em casos de correções de erros, as palavras acrescentadas em corpo de texto pelo editor ocorrem entre parênteses angulares, sendo normalmente dada em nota indicação adequada.

As abreviaturas em corpo de texto foram desenvolvidas sem indicação gráfica, com exceção de abreviaturas de referências não bíblicas em latim, e procedeu-se a uma uniformização e modernização regrada do uso de maiúsculas e minúsculas, considerando-se particularmente as especificidades dos textos. Assim, na epistolografia, por exemplo, a distribuição de maiúsculas teve em conta o tom reverencial e formal usado no discurso epistolar, razão pela qual os títulos e cargos, por exemplo, aparecem maiusculados; foi tam-

bém a especificidade do discurso sermonístico que motivou a manutenção, nos textos do tomo II, da distribuição das maiúsculas e minúsculas da *editio princeps*, com exceção dos pronomes referentes aos *nomina sacra*, os quais foram transcritos com maiúscula.

No que diz respeito à acentuação e à pontuação, aquela foi usada conforme as regras atuais; a pontuação foi igualmente atualizada, exceto nos textos sermonísticos, dada a especificidade destes em termos de configuração oratória. Nestes textos houve lugar apenas a algumas intervenções que visaram obviar dificuldades de leitura: supressão de vírgula quando esta aparecia entre o sujeito e o predicado, entre o verbo e o complemento direto ou entre a oração principal e a subordinada completiva; inserção de vírgula em alguns vocativos e apostos; substituição do ponto e vírgula/vírgula por dois pontos e vice-versa quando um apresentava o valor do outro (por vezes, substituiu-se o ponto e vírgula por dois pontos antes de enumerações e os dois pontos por ponto e vírgula quando aqueles apareciam sequenciados e separavam enumerações ou construções anafóricas); introdução das aspas no discurso direto e nas frases/palavras que comportavam tradução ou tradução paráfrástica de citações ou que fossem alvo de destaque; substituição do ponto de interrogação por ponto final nas interrogativas indiretas e introdução daquele ponto nas interrogativas diretas; substituição dos parênteses retos por vírgulas, quando estes encerravam vocativos, ou, nos casos em que apresentavam uma expressão intercalada na frase, por parênteses curvos.

Outras opções foram as de suprimir o apóstrofo, sendo que, nos casos em que a contração não é hoje normalmente usada, foi inserida a vogal elidida e, nos restantes casos, foi feita a contração, bem como a de manter os estrangeirismos, que foram transcritos em itálico/entre aspas; os títulos das obras foram regularizados e referidos nos textos segundo a norma atual em itálico.

As formas dos antropónimos e dos topónimos foram na generalidade atualizadas; contudo, foram várias as exceções ditadas pelas dificuldades que foram surgindo em alguns dos escritos de Vieira, nomeadamente naqueles em que ocorrem formas aportuguesadas de difícil comprovação quanto à correspondência atual; no que aos antropónimos diz respeito, a dificuldade adveio, por vezes, da ocorrência de formas homónimas para cuja dilucidação nem sempre o cotexto se revelava suficiente. Esta tendência de aportuguesamento e usos de época de determinados nomes toponímicos e antroponímicos levantou por vezes a dificuldade de distinguir quando se tratava de um

erro ou lapso de Vieira, ou do copista em tratando-se de cópias, dado que o número de ocorrências não se revelava suficiente para uma intervenção do editor; nestes casos, optou-se por deixar a forma usada nos manuscritos e acompanhá-la de nota explicativa.

Além de *A Chave dos Profetas* e de vários escritos integralmente em latim, e que foram traduzidos e publicados na *Obra Completa*, a língua latina é presença marcante e natural em todos os textos de Vieira, sobretudo por meio das citações da Bíblia, livro no qual, como ele diz a propósito da sua *História do Futuro*, «sem nenhuma coisa de novo» (*Obra Completa*, t. III, vol. I, 166) podem ser encontradas perpétuas novidades. Na nossa edição, as citações latinas, cuja grafia foi normalizada (designadamente no que diz respeito à introdução das semiconsoantes), aparecem em itálico e, quando não são alvo de tradução por parte do autor no corpo do texto, são-no por parte do editor em nota de rodapé e entre aspas. No caso dos manuscritos cópia que serviram de testemunho para a fixação, tivemos de fazer várias intervenções de correção, indicadas em nota, porquanto muitos apresentavam erros evidentes por lapso do copista e/ou desconhecimento deste da língua. Tal como fizemos em outras situações, da nossa intervenção é sempre dado conhecimento ao leitor – indicando por meio de parênteses angulares as palavras corrigidas e, em nota, a forma que ocorre no manuscrito.

As citações bíblicas, por seu turno, foram objeto de versão portuguesa específica, tendo em mente o texto da Vulgata; sendo traduzidas de raiz, procurou-se a conformação às versões portuguesas hoje correntes, sobretudo do lecionário litúrgico, sempre que elas se adequassem ao texto citado e ao propósito do autor; a referência das respetivas fontes e a atualização dos nomes próprios foram conformes à *Bíblia de Jerusalém* (2002).⁴

As referências bíblicas dadas pelo autor em nota, que frequentemente aparecem na margem do texto, foram assinaladas entre parênteses retos no corpo do texto; outras notas do autor foram inseridas em rodapé seguidas da indicação (NA). Nos textos sermonísticos dos tomos da *editio princeps* publicados em vida de Vieira, tal procedimento pareceu-nos o mais indicado, não obstante as dúvidas quanto à autoria destas notas em alguns dos tomos. Nos sermões inseridos nos tomos póstumos da *princeps*, mantivemos este procedimento, chamando a atenção do leitor para este facto.

⁴ *Bíblia de Jerusalém*. 7.^a impressão. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional & Paulus Ed., 2011

As notas de rodapé que acompanham os textos editados compreendem informações diversas, designadamente referências de fontes e relativas a factos históricos, bem como comentários ou esclarecimentos referentes a afirmações que se julgou necessário clarificar; há também lugar para notas remissivas para outros escritos do autor e respetiva indicação de publicação na *Obra Completa*, notas de explicitação de vocabulário e notas do tradutor (NT), assim como citações latinas do texto completadas pelo editor (em itálico e seguidas da respetiva tradução entre aspas) e ainda informações sobre intervenções pontuais do editor, quando não previstas nos critérios gerais dos respetivos volumes.

Com esta edição da *Obra Completa Padre António Vieira*, num trabalho de uma vasta equipa de investigadores que leu os manuscritos, fez as transcrições, fixou os textos segundo os critérios estabelecidos e fez as revisões das milhares de páginas que foram publicadas, têm agora os leitores acesso à obra toda de Vieira, leitores que, reconhecendo-o já como «um autor do cânone, podem agora acercar-se dele em função de uma outra aceção do termo cânone: a que se refere a um *corpus* textual autorizado, fixado e revisto. A obra de um autor, em suma. E de um autor que agora nos aparece, depois de tantas tentativas que o passado sepultou» (Reis 2014).

Referências

- Bosi, Alfredo (org. e introd.). *Essencial: Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Castro, Ivo / Ramos, Maria Ana. «Estratégia e tática da transcrição». Em: *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise* (Paris, 1981). Paris: Centre Culturel Portugais, 1986, 99-122.
- Franco, Eduardo / Calafate, Pedro (dir.). *Obra Completa Padre Antônio Vieira*. 4 ts., 30 vols. s.l.: Círculo de Leitores, 2013-2014.
- Lemos, Aida. «A edição de textos portugueses da prosa literária do século XV». Em: *L'Épopée romane, Actes du XV^e Congrès international Rencesvals (Poitiers, 21-27 août 2000)*. Civilisation médiévale, 13. Poitiers: Université de Poitiers, Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale, 2002, 1009-1015.
- Lourenço, Eduardo. «Vieira ou o tempo barroco». Em: António Araújo (org.). *Antônio Vieira. Missão de Ibiapaba*. Coimbra: Almedina, 2006, 7-19.
- Reis, Carlos. «A língua como universo. Sobre a *Obra Completa do Padre Antônio Vieira*». Comunicação do Prof. Carlos Reis na Sessão de lançamento dos 30 volumes da *Obra Completa do Padre Antônio Vieira*, realizada no dia 3 de dezembro de 2014, no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa. Online [acedido em 29/12/2014].
- Vainfas, Ronaldo. *Antônio Vieira, jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.